

Resenha: a teoria dos jogos em Goffman e a manutenção do eu

Jorge Henrique Silvestre Barbosa¹

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Sociologia).

Ainda que os ensaios que compõem o conjunto aqui em questão datem das décadas de 1950 e 1960, e a publicação original do livro que os reuniu, de 1967; estes permaneceram sem tradução para a língua portuguesa até 2011, mais de quarenta anos após sua publicação original. Assim, tendo por base este lapso temporal entre as edições em língua inglesa e portuguesa, alguns podem argumentar acerca da pertinência destes estudos para a contemporaneidade, portanto da utilidade da resenha que aqui começa a ganhar forma.

Porém, antes de levantarmos estas questões, devemos levar em conta a barreira linguística que se impôs durante este período em relação ao trabalho aqui abordado, fazendo com que este se mantivesse relativamente desconhecido entre os estudantes e profissionais das Ciências Sociais brasileiros, passando a ganhar maior notoriedade apenas após sua tradução. Destarte, acredita-se ser necessário considerar que a resolução de publicar o livro pela primeira vez no Brasil tanto tempo após ter sido lançado, já demonstra a relevância dos escritos goffmanianos para a contemporaneidade. Além disso, este é um autor que tem sido constantemente revisitado, especialmente após os anos 2000, é tanto que figurou em sexto lugar na lista dos autores mais citados na área das Ciências Humanas em 2007².

Desta forma, a leitura de “Ritual de Interação” atua enquanto mais uma ferramenta de auxílio ao Cientista Social quando do desenvolvimento de suas pesquisas acerca de fenômenos que envolvem a interação humana face a face, ajudando a notar de modo mais claro e a sistematizar certos aspectos presentes durante determinado momento, bem como perceber as estruturas que envolvem as representações do *self* postas em prática nestes momentos. Assim, especialmente em tempos de ações e discursos politicamente corretos, cuidadosamente

¹ Mestrando em Sociologia, PPGS/UFAL. Membro do Grupo de Pesquisa Afetos, Ambiente e Economia das Simbolizações (GRUPAAES/CNPq). E-mail para contato: jhsbarbosa@gmail.com

² Cf. <<http://www.timeshighereducation.co.uk/story.asp?storyCode=405956§ioncode=26>> [Acessado em 20/08/2012]

proferidos, bem como de constante luta por espaço e direitos dentro do cenário social, a compreensão dos ensaios presentes na obra aqui abordada, muitas vezes ajuda o pesquisador a desenvolver uma percepção mais apurada acerca do real panorama que se põe especialmente ao se analisar fenômenos que envolvem temas delicados, tais como questões de raça, gênero, sexuais, envolvendo menores ou menores infratores etc., onde a maior parte dos envolvidos tenta se mostrar em consonância com o *status quo* e com o discurso por ele defendido.

Então, iniciando a exposição da resenha sobre o livro aqui referido, notamos que o sociólogo canadense Erving Goffman pretende nos mostrar como se dá o comportamento face a face entre indivíduos pertencentes aos mais variados grupos inseridos nas sociedades analisadas. Para tanto, ele vai apontar como aspecto comum a todos os grupos a constante busca por respeito perante os outros participantes de dada configuração. Este fato é, na verdade, uma tentativa, por parte de um indivíduo, de manter constante a visão que os outros têm dele.

Durante os seis ensaios presentes no livro o autor nos mostrará que a busca por respeito, realizada por um indivíduo dentro de um grupo, está conectada com a necessidade de manutenção da sua vida social e aponta a noção de honra³ (ou respeito adquirido) como central nesta empreitada.

Mas, à medida que seus escritos vão avançando torna-se evidente o fato de que as formas pelas quais cada indivíduo busca obter o respeito de seus pares são bastante variadas e apesar disso, muitas vezes alguém bastante respeitado em seu meio pode não ter prestígio algum quando em contato com um grupo diferente. Neste sentido, a atribuição de respeito e o reconhecimento do quão respeitável (ou honrado) se pode ser, varia entre os grupamentos humanos, numa relação assimétrica e muitas vezes vertical⁴.

Os ensaios presentes no livro nos apresentam um desenvolvimento argumentativo que gira em torno da observação, por parte do autor, das mudanças nos meios utilizados pelos indivíduos para manutenção e obtenção de honra ao longo do avanço das sociedades analisadas. Nota-se que, em momentos primordiais, frequentemente a honra era mantida através de disputas violentas que normalmente acabavam por causar a morte de uma das partes (ofendido ou ofensor). Mas com o desenvolvimento dos processos de “pacificação” interna das

³ O termo “honra”, aqui, é utilizado em sentido amplo, visto que cada grupo e/ou sociedade, possui seu próprio código de honra. Um exemplo disso é o código de honra presente dentro das prisões ou entre jogadores (trapaceiros ou não) etc.

⁴ Com isto, quero dizer que o conceito de honra varia entre os grupos (um exemplo disso é a existência de um código de honra entre criminosos e prisioneiros), daí “assimétrica”; e muitas vezes um grupamento se acha mais importante que outro por considerar sua visão de mundo mais correta (por isso “vertical”).

sociedades, as estratégias que antes eram utilizadas apenas como meios de se obter algum tipo de vantagem dentro destas disputas pela honra passaram a ser prática comum.

Esta maior racionalização dos modos de resolução de conflitos entre os componentes dos locais e grupos estudados é apresentada por Goffman enquanto uma teoria dos jogos. Durante todo o livro, são utilizadas comparações com jogadores profissionais para demonstrar as estratégias utilizadas socialmente pelos indivíduos para obter e garantir reconhecimento perante seus pares. Isto significa que aquilo que antes era resolvido através de um conflito violento e por vezes mortal, agora era resolvido através de atos minuciosamente pensados e ações arquitetadas baseadas no conhecimento das “regras do jogo”, por parte dos indivíduos inseridos em determinada configuração. Assim, nascem relações sociais mais coesas e menos caóticas, assegurando uma maior proteção da vida dos indivíduos.

Neste sentido, a preservação da “fachada”⁵, objeto de estudo do primeiro ensaio, depende de uma série de rituais que envolvem todo o cuidado, por parte do indivíduo, com seus modos de agir socialmente, principalmente considerando seu lugar no mundo social e os modos de agir institucionalmente aceitos. É claro que em caso de deslize é possível, por vezes, não “perder a fachada”⁶, ou, caso perca, ainda é possível recuperá-la, principalmente porque cabe aos outros atores fazerem uso de vários mecanismos para evitar que se crie uma situação constrangedora (e até mesmo conflituosa) no momento em que a falha acontece.

A partir deste comportamento expresso no parágrafo anterior é que surgem a deferência e o porte, temas do segundo ensaio apresentado no livro. Quando um ator social consegue manter a fachada correta nas diferentes situações em que se insere, dizemos que ele age com o porte correto; ao proceder desta forma, os outros atores envolvidos naquela configuração devem tratá-lo com deferência. Esta é uma relação de mutualismo onde este comportamento é praticado por todos os participantes da interação. Estas são formas coletivas de reconhecimento e é através destas ações que as noções de “eu” e “outro” são formadas. Ou seja: o “eu” é algo construído pelas ações de alguém perante outrem e para manter a visão do “eu” sempre constante, o indivíduo deve agir da maneira esperada, mantendo sua fachada e conseqüentemente seu porte, para então, ser tratado com deferência. O mesmo acontece com o “outro” em relação ao indivíduo: existe porque é reconhecido pelo “eu” enquanto necessário para sua manutenção.

Ao mesmo tempo, alguns comportamentos não são socialmente tolerados e provocam a perda da fachada e o conseqüente descrédito daqueles que agem de

⁵ Ou “respeito próprio” (Cf. GOFFMAN, 2011, p. 9 [especialmente a nota de rodapé nº 1]).

⁶ Idem, p. 17

determinadas formas. Um exemplo disso, e que é objeto do terceiro ensaio presente no volume em questão, é o constrangimento. Em situações de contato social, aqueles que frequentemente ficam constrangidos; gaguejando ao falar; balbuciando em vez de falar alto e claro etc., acabam por gerar uma desorganização da situação social ali presente, pois acabam por constranger os que estão presenciando seu comportamento um tanto quanto inadequado. Popularmente, dizemos que estes são incidentes ou situações de vexame e o comportamento do indivíduo causador destes conflitos é considerado “anormal”. Pessoas tímidas são repetidamente apontadas como causadoras deste tipo de desarranjo social momentâneo, sendo alvo de descrédito perante seus pares.

Outro comportamento não tolerado é aquilo que o autor chama de alienação da interação, tema do quarto ensaio exposto no livro. Com isto, Goffman quer nos mostrar que durante situações de interação é de suma importância que as duas (ou mais) partes envolvidas demonstrem interesse pelo contato travado⁷. A alienação da interação consiste em não prestar atenção no outro e por isto ser percebido. Existem vários meios pelos quais este evento ocorre, alguns mais condenáveis, outros menos; mas de qualquer forma este fato é considerado uma quebra das regras de etiqueta vigentes. Esta perda de autocontrole, mais uma vez, é considerada falta grave e pode causar o descrédito daquele indivíduo perante seus iguais.

No quinto ensaio apresentado, denominado sintomas mentais e a ordem pública, o autor vai nos mostrar como, por vezes, a perda da honra ou a deterioração social do indivíduo através de seus próprios atos está intimamente ligada à perda do autocontrole e ao conceito de doença mental. Muitas vezes, aqueles que não agem com certo tato durante suas interações são considerados portadores de algum desvio psicológico. Ou seja: neste ensaio, o autor demonstra como, por vezes, aqueles que não respeitam a ordem pública (i.e. as normas sociais) e portanto não conseguem manter uma fachada, são considerados portadores de sintomas de doenças mentais, numa demonstração das consequências de atos impróprios (que ferem as regras dos rituais de interação face a face) sobre os indivíduos transgressores.

Finalmente, no sexto e último ensaio apresentado, Goffman versa sobre os indivíduos que estão sempre procurando por “ação”⁸, i.e., formas (legais ou não) de vivenciar, de maneira constante, perigos controlados. Aqui são considerados os vários tipos de grupos sociais, desde os criminosos em geral até os

⁷ Por “contato”, entendemos conversas verbais ou não verbais, audição de palestras ou qualquer outra situação de interação que envolva a necessidade de prestar atenção no objeto da interação por parte dos indivíduos envolvidos.

⁸ Cf. Goffman, 2011, p. 142

praticantes de esportes tipicamente aristocráticos⁹, tais como o alpinismo e a caça de grandes animais. Estes agrupamentos são compostos por indivíduos que buscam constantemente o sentimento daquilo que o autor chama de “arrepio”¹⁰, ou seja, a excitação causada por perigos controlados. Mas mesmo nestes grupos as questões da honra (reconhecimento de valor atribuído por outros a um indivíduo) e do autocontrole quando em situações de interação social, se mostram deveras importantes.

O autor demonstra muito bem como, nas sociedades pesquisadas, atores inseridos em interações sociais onde necessitam manter suas fachadas e assim serem tratados com deferência por seus pares, bem como, em casos de esportistas, por sua plateia, procuram cumprir um código de ações institucionalizadas. Esta necessidade perpassa os mais diversos grupos, que compreendem desde assaltantes de banco até toureiros e pilotos de corrida. Erving Goffman pretende demonstrar, neste momento do livro, como mesmo em situações adversas e de competição, é mais importante manter da honra (a visão do “outro” sobre o “eu”; a “fachada”) do que vencer.

À guisa de conclusão, é notório que durante toda a exposição feita na obra aqui resumida, o autor demonstrou que a observação das normas de interação face a face são de suma importância para manter a coesão social, além de fazer com que as interações fluam com mais suavidade entre os indivíduos. Ao necessitar agir com tato e racionalidade dentro das situações sociais nas quais está inserido, o ator segue certas normas rituais expressas simbolicamente em seus atos e desta forma, tenta manter o fluxo da ordem interativa e conseqüentemente sustentar sua identidade através da manutenção ou reestruturação de sua fachada.

A recompensa pela interação bem sucedida é o reconhecimento de seus pares e com isso o ganho de respeito, traduzido na manutenção da fachada. Desta forma, ao agir estrategicamente de acordo com as regras de seu grupo e/ou sociedade, os atores estão buscando, através de suas estratégias de ação, galgar posições melhores dentro do campo no qual está inserido, reestruturando ou mantendo a visão de “eu” atribuída a ele pelo “outro”. Estas ações, na maioria das vezes, acontecem de maneira inconsciente, muitas vezes tendo como explicação o fato de que “era a coisa certa a fazer”; daí a importância dos estudos interacionistas para traduzir, sistematizar e interpretar sociologicamente as minúcias presentes nas expressões simbólicas dos atores quando inseridos em configurações específicas, buscando entender a relação entre os indivíduos, seus grupos e as normas sociais.

⁹ Aqui entendida enquanto “classe alta”, “alta burguesia” ou qualquer segmento social financeiramente privilegiado.

¹⁰ Cf. Idem, p. 188.